

Luiz Corrêa Caldeira

TRES POETAS

(Vid. pag. 85)

II

LUIZ CORRÊA CALDEIRA

Houve em Portugal uma epocha em que todos foram poetas. Essa geração, que hoje combate na politica militante, ou que se entrega aos graves cuidados da administração e da jurisprudencia, foi a geração mais versejadora que tem vindo a Portugal. Não admira. Todos os que a compõem eram moços então, e a musa da moderna eschola era tambem nova entre nós. O que haviam de elles fazer, sentindo em si a mocidade e o talento, senão cortejar a juvenil deidade? O que podia ella fazer, senão pagar com um sorriso cada um dos galanteios?

Assim aconteceu. Depois, quando passou o tempo das loucuras, o poeta cedeu o logar ao politico, ao jurista, ou ao administrador. Estabeleceram-se, e acabaram com os namoricos. Deixaram os galanteios de sala, e começaram um namoro serio, e para *bons fins*, com a pasta de ministro. Elles tinham o talento, não a inspiração, a inspiração fogosa que faz os grandes poetas, e as vidas curtas. Seduziam a musa com os encantos do seu espirito, não lhe inspiravam a paixão devoradora que não consente rivaes. Tinham visto na poesia uma das manifestações da arte, e não se tinham ligado a ella com o amor insensato, que não trepída diante dos sacrificios, e que acceita o martyrio com enthusiasmo. Faziam-lhe a corte, como se faz a corte a uma belleza da moda, mas não se apoderavam d'ella com sofreguidão, não a arrastavam comsigo para as solidões,

Comme un amant jaloux de sa chaste beauté.

É essa falta de verdadeiro enthusiasmo que faz com que poesias, aliás muito notaveis, d'essa epocha, não produzam em nós impressão alguma, apesar das muitas bellezas que n'ellas encontraremos, se as analysarmos.

Publicavam-se então periodicos litterarios, cada um dos quaes tinha a sua pleiade de poetas. Eram esses jornaes os campos de torneio, onde campeões, incontestavelmente denodados e robustos, provavam forças no genero de poesia que estava mais em voga. Publicavam-se em França as *Orientaes* de Hugo? Achava-se em Portugal gracioso aquelle genero? Logo os justadores litterarios pintavam no escudo a divisa do poeta francez, e vinham mostrar na liça a sua habilidade em manejar as armas temperadas nas aguas do Bosphoro, ou nos rios da Palestina. Agradava uma certa e determinada metrificação? Logo, e como se fosse a um signal dado, appareciam centenares de poesias metrificadas á moda. Os leitores, que assistiam com enthusiasmo a essa lucta, elevavam aos

ceos o poeta que elles julgavam ter sido o vencedor, e faziam reputações enormes, que hoje nos espantam, a nós, que as avaliâmos friamente, e completamente alheios ás calorosas paixões d'aquella epocha.

No meio de todos esses poetas, rodeados das ovações mais enthusiasticas, permittam-me que procure um, que passou quasi despercebido, mimoso lyrio, prostrado tão cedo pelo tufão da desventura, que não podia, de certo, competir então em galas com as flores esplendidas d'esses jardins litterarios (excluindo, apresso-me em dizel-o, as do jornal conhecido por esse titulo), mas que tinha, muito mais do que ellas, o viço espontaneo, e o singelo aroma que delicia e que faz scismar meigamente aquelles que o respiram.

Fallo em Luiz Corrêa Caldeira.

Não se revelou completamente o poeta; só tres ou quatro poesias formam o seu verdadeiro peculio litterario; mas que imaginação, que ardor, que verdadeiro enthusiasmo transluzem, bastantes vezes incorrectamente, n'esse pequeno legado que deixou á posteridade! Como n'elle se sente, não o litterato que adoptou a especialidade da poesia, mas o poeta, o verdadeiro poeta, que chora, que geme, que delira, e que lança ao publico essas paginas soltas, em que se revela o desalinho da inspiração, a que a lima não succedeu; porque parecia que o poeta presentia o seu prematuro emmudecer, e tinha pressa de aproveitar todas as caricias da musa, e de sorver até á ultima gota, no cálix doirado da poesia, esse licor inebriante dos sublimes delirios.

Leiam alguns dos fragmentos das *Flores da Biblia*, livro que, julgo, nunca se chegou a publicar, e em que Luiz Corrêa Caldeira tencionava reunir poesias de assumptos biblicos. As *Melodias hebreas* de Byron mostram quanto era esplendida essa idéa, e que diamantes se encontram nas areias sagradas da Palestina. As poesias publicadas por Corrêa Caldeira mostram que este não estava abaixo do assumpto, e que podia fazer das *Flores da Biblia* um livro monumental.

Vejam o *Mar Morto*. Como o poeta se possuiu bem da grandeza biblica do quadro, e como encontrou na sua palheta não só as côres mais esplendidas, mas tambem as mais proprias para o pintar. A voz do poeta abafa-se n'um religioso terror; as paizagens, não as descreve só, mostra-as taes quaes ellas devem ser. Vejam a descripção do principio:

Na terra gretada e nua
Pesa um ceo abrazador;
Aridos montes d'areia
Tisnados pelo calor:
Tudo immovel, mudo, absorto,
Tudo fulminado e morto
N'esse valle de terror:
O mesmo vento se cala:
Só o silencio aqui falla
Das vinganças do Senhor!

Ao longe, o sulco azulado
Do poetico Jordão,
Que vem trazer ao Mar Morto
As lagrimas de Sião:
E sobre os ceos, que scintillam,
Da Arabia as serras desfilam,
Até que perder-se vão
C'os pardos morros d'areia
Das montanhas da Judéa,
Vigias da solidão!

Este quadro é perfeito. A descripção como que nos opprime. Involuntariamente procurâmos respirar, como se realmente nos rodeasse a atmosphera abafadiça das plagas do lago Asphaltite. As vogaes mudas, accumulando-se n'aquelles tres versos,

Tudo immovel, mudo, absorto,
Tudo fulminado e morto
N'esse valle de terror!

dão ao quadro o aspecto lugubre que elle deve ter.

Não imaginem, comtudo, que o poeta pensou nas vogaes quando escreveu esses magnificos versos. Estas coisas saem naturalmente, como ao orador occorrem espontaneas na tribuna as palavras incisivas que hão de fulminar o adversario; como ao actor na scena a inspiração artistica revela de repente o gesto e a inflexão que hão de fazer brotar as palmas na platéa; como o pintor encontra n'um improviso os traços que hão de dar a uma figura uma expressão immortal. O leitor, o espectador, o ouvinte, admiram, sentem o bello. A missão da critica é mostrar depois quaes foram os motivos do effeito produzido.

Continuemos a analyse.

Leiam esta descripção de uma tempestade no *Mar Morto:*

Mas quando a voz da tormenta
Começa ao longe a bramir,
E um denso manto sombrio
Vem de lucto o ceo vestir;
Quando a louca tempestade,
Nos echos da soledade,
Vem desgrenhada rugir;
E que as rajadas do vento,
Chorando no firmamento,
A terra vem sacudir;

Então o valle desperta
Do seu somno secular;
Do lago os fundos abysmos
Se rasgam de par em par;
Densos turbilhões d'areia,
Que a luz do raio incendeia,
Giram rapidos no ar,
E correm sobre o deserto,
Entre o funebre concerto
Dos furacões e do mar.

Vagas turvas, espumantes,
Fervendo em alvo cachão,
Fogem batidas dos ventos,
E, de baldão em baldão,
Vão rebentar furiosas
Nas praias betuminosas
Do lago da maldição,
Cuspindo nas penedias
As espumas alvadias
Rasgadas pelo tufão.

No poente, côr de sangue,
Bruxuleia o temporal,
Aonde as azas de fogo
Sacode o genio do mal!
Ronca o trovão nas montanhas;
E, das trémulas entranhas
Do mar, do seio do val,
Illusão, delirio ou sonho,
Sae, como um grito medonho,
Um gemido sepulchral.

Como que as torpes cidades,
Que as vagas em si contém,
Estremecem nos abysmos,
E se lamentam além;
Essas irmãs deshonestas,
Que adormeceram nas festas
Aos pés de Jerusalem;
E um anjo, c'o a ponta d'aza,
Foi despertal-as em braza
N'um ceo em braza tambem.

Ha um verdadeiro delirio n'esta descripção; o genio do poeta corre desgrenhado com o genio da tempestade, e o espirito do leitor, arrastado na carreira vertiginosa, quasi que sente dentro de si o temporal medonho, e pára, a final, pavido e extatico, a contemplar o quadro sublime que doideja furioso diante de si. A inspiração apoderou-se do poeta, arrancou-o do mundo prosaico, e transportou-o ás espheras da sublimidade, como o carro de fogo transportou outr'ora o propheta do lodo da terra aos ambitos do empyreo. Vê-se que, ainda que quizesse, não podia parar; e que a final, desprendendo-se das garras d'esse demonio intimo, não ousou tocar outra vez no que tinha escripto. Por isso n'estas admiraveis decimas ha por aqui por acolá algumas incorrecções, filhas do mesmo arrojo. Aquelles versos

> Sae, como um grito medonho,
> Um gemido sepulchral,

encerram uma comparação falsa e impropria. Falsa, porque não se podem comparar duas coisas que se não assimilham; e essa voz que sae do lago é uma das duas: ou *grito medonho*, ou *gemido sepulchral*. Se é grito medonho, é forte e pavoroso. Se é gemido sepulchral, é sumido e lugubre. Impropria tambem, porque os dois termos de comparação são, para assim dizer, da mesma escala, quer dizer, admittindo que não era falsa, um dos termos daria o outro, com uma simples mudança de palavras. Fazendo-a verdadeira, ficaria assim: *Sae, como um grito medonho, um brado pavoroso;* ou *Sae, como uma queixa lugubre, um gemido sepulchral*. Percebe-se facilmente a impropriedade d'estas comparações. Deixam de o ser, para serem pleonasmos.

Devemos dizer que, onde o genio de Luiz Corrêa Caldeira se sente mais á vontade, é n'estas poesias tempestuosas, cheias de fogo, onde seja necessario largar o vôo á musa, e entregal-a nas azas do fervido bulcão. Até quando scisma, quando falla de amores, após o meigo preludiar, vem logo o delirio impetuoso. Na poesia a *Minha Sina*, que foi publicada na *Revista Popular*, acontece o que acabo de dizer. Começa tristemente, e sente-se nos versos uma vaga e deliciosa melancholia enamorada.

> Vi-a a primeira vez sentada e triste
> Na capella sombria!

Depois a pouco e pouco o delirio apodera-se d'elle. Ainda nos descreve docemente e com uma indefinida tristeza a mulher que o inspirou, vagueando na alameda solitaria, em quanto o vento do outono arroja a seus pés as folhas sêccas das arvores; mas o demonio da inspiração não exige d'elle só esse vago *pungir d'acerbo espinho*, não se satisfaz em quanto o grito de dor não sae dos labios do poeta, e em quanto o soffrimento lhe não lacera fibra a fibra o coração. Então a pouco e pouco os versos, atropellando-se convulsamente, denunciam o principio da lucta, e a poesia geme, soluça, pranteia, até que a lyra estale n'um grito de desesperado agonisar.

Vejamos a obra prima do seu talento, a poesia em verso solto intitulada a *Voz do Oceano*, em que se encontram quadros que Garrett intercalaria com orgulho no principio do quinto canto do *Camões*. Não achem ousada a comparação, leiam, e julguem.

Oiçam o principio, e admirem a gradação lenta e artistica, que prepara tão bem o effeito dos dois ultimos versos.

> Vento das noites, que a meus pés revolves
> As folhas amarellas do arvoredo;
> Lugubres sons da livida floresta;
> Aguas do rio, que fugis lá abaixo,
> Beijando as margens tristes já sem flores,
> E reflectindo um ceo em que não brilha
> Uma estrellinha só; vozes sem nome,
> Que murmuraes nas regiões do espaço;
> Deixae que o grito immenso do Oceano
> No silencio geral se escute apenas.

Que descripções que se seguem a este bonito exordio! Como o poeta soube escutar as vozes dos mares, e como soube traduzir as impressões que ellas despertaram no seu peito! Corrêa Caldeira sente com um fogo indizivel, e o quadro que pinta na imaginação reprodul-o na téla do poemeto com uma verdade, e com um vigor admiraveis! Vêde o mar em noite de bonança,

> Vêde-o beijar as rochas carcomidas
> Por essas praias, que o luar inunda;
> Como uma virgem, trémula de pejo,
> E que o amor, mau grado seu, arrasta,
> A vaga no areal passa gemendo;
> A fraga cinge em fugitivo abraço,
> E foge vagarosa, desparzindo
> Argenteo pranto sobre os limos verdes.

O pensador succede ao contemplador. O poeta, debruçando-se sobre o abysmo do Oceano, pergunta a si mesmo que mysterios se esconderão sob aquellas aguas. Lá no fundo tenebroso, nas insondaveis entranhas d'esse leão espumante, esconde-se um mundo horrido!

> Alli chimeras mil passam medonhas!
> Fabulosos jardins alli florecem
> Sobre um solo de perolas e conchas;
> Alli, das maravilhas, escondidas
> Aos olhos dos mortaes, são testimunhas
> Entes sem nome, que talvez olharam
> Da creação as obras primitivas,
> E que se arrastam no despojo immenso
> D'esquecidas nações, de mortos seculos.
> Alli ainda os continentes jazem
> D'um mundo que ha de vir; alli se encerram
> Povos e gerações talvez inteiras!
> E nos segredos da grandeza eterna
> Suas ondas o mar rola bramindo!

Como costumâmos sempre pôr a censura ao lado do elogio, quando ella tem cabida, faremos notar aos leitores a frouxidão do ante-penultimo verso, verso de encher perfeitamente, por causa do adverbio *talvez*, que vem a despropositо, e que está em contradicção com a affirmativa constante das outras asserções.

N'esta poesia a censura ligeira perde-se no elogio, porque as maculas attenuam muito pouco o bellissimo effeito do *ensemble* do quadro.

Vejâmos ainda a descripção que se segue, e lastimemos mais uma vez a sorte fatal que prostrou um genio que se poderia elevar a tamanha altura.

O mar, ha pouco tranquillo e bonançoso, desperta finalmente á voz da tempestade. O genio da procella corre desgrenhado por sobre as ondas, e esses liquidos corceis, de crinas espumosas, empinam-se furiosos ao sentirem o latego da tormenta! A descripção do poeta é inexcedivel. Ha um trecho de prosa com que o podêmos comparar. É verdade que esse trecho é a obra prima de um dos primeiros prosadores francezes. É a descripção que se lê no *Capitaine Paul* de Alexandre Dumas.

Se não me tivesse já alongado tanto em citações, transcreveria essa admiravel pagina de versos. Não resisto, comtudo, á tentação de citar o final do quadro.

Pela extensão das praias se levantam,
Em pé nos mares, as immoveis penhas.
À luz fugaz do scintillante raio
Suas frontes rugosas relampejam;
A tormenta sacode em torno d'ellas
Alvo sudario d'humidos vapores;
E ao vêl-as assim, quêdas, tranquillas,
Na confusão da natureza inteira,
Quem podéra affirmar que não festejam,
Mudos espectros, sob um véo d'espuma,
Da morte os anjos, que passando bradam,
Suas azas de fogo sacudindo
Nas solidões do furibundo Oceano!

Creia o leitor, que o poeta que escreveu versos como estes, é quasi desconhecido na sua patria! e que, para se podérem ler os seus escriptos, é preciso folhear intrepidamente os periodicos litterarios da epocha em que viveu.

Portugal é tão abundante em poetas d'esta força, que um de menos, segundo parece, não faz falta na immensa lista!

Para sermos justos, comtudo, devemos accrescentar que Luiz Corrêa Caldeira era um pouco desegual, e que, escrevendo poesias como a *Voz do Oceano*, escrevia outras, como a poesia á memoria de Garrett, que está realmente abaixo do seu talento.

Quem ousa atirar-lhe a primeira pedra?

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

GUIMARÃES

EPOCHAS DA SUA PROSPERIDADE PASSADA; DESENVOLVIMENTO DA SUA INDUSTRIA E POVOAÇÃO; PRAÇA DO TOURAL E O CAMPO DA FEIRA; A PONTE DO MESMO; EGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO.

A cidade de Guimarães conta na sua historia duas epochas de prosperidade, mui distantes uma da outra, e procedentes de bem diversas causas. A primeira epocha deveu-a Guimarães aos proes e regalias de côrte de D. Affonso Henriques; e, depois de despojada d'estas honras, aos immensos proventos que lhe resultaram do celebre sanctuario que encerra dentro em si. Logo que a espada victoriosa do fundador da monarchia desaffrontou as terras do Minho das correrias dos sarracenos, começaram os peregrinos e romeiros a affluir em maior escala ao templo de Nossa Senhora da Oliveira, cuja fama de milagrosa se estendia até á Galliza e Castella. Aos peregrinos seguiram-se de perto as ordens religiosas, que não tardaram a fundar ahi alguns conventos de frades e de freiras, com que se augmentou e engrandeceu a povoação.

Como n'esse tempo a guerra absorvia os principaes cuidados e attenções da nação, sendo Portugal um verdadeiro campo de batalha, em que os nossos pelejavam de contínuo não só com os moiros, mas tambem com os castelhanos e leonezes, as povoações importantes viam-se obrigadas a estarem recolhidas á sombra protectora de altas torres e muralhas ameiadas. A necessidade da defesa trazia-lhes a precisão de viverem apertadas no mais curto espaço que fosse possivel, a fim de que, em caso de cêrco, não faltassem braços para repellir o inimigo, nem ficasse sem guarnição ponto algum da muralha, o que succederia se fôra demasiadamente extensa.

D'aqui se originou a edificação das cidades e villas antigas em ruas estreitas e tortuosas. E, além da economia do espaço, ainda accrescia em favor d'esta construcção poderem servir as ruas e casas de ultimo ponto de defesa, quando o inimigo tinha escalado as muralhas, e se dispunha a dar saque á povoação. Na verdade, muitos exemplos houve de encontrarem os vencedores affronta e morte onde só esperavam colher despojos.

Por conseguinte, o coração da cidade de Guimarães, que era a antiga villa que el-rei D. Diniz começou a cercar de muros, os quaes D. Affonso IV concluiu, e D. João I guarneceu de torres, era, e ainda hoje é na maxima parte, uma rede de ruas e viellas estreitas, tortuosas e pouco limpas. Reduziam-se então as suas praças a pequenos largos e acanhadissimos terreiros, o principal dos quaes era o de Nossa Senhora da Oliveira. O da misericordia ainda não existia; em seu logar viam-se algumas casas e quintaes.

Depois que el-rei D. João I lançou em Africa os fundamentos do commercio maritimo de Portugal, encetando com a tomada de Ceuta a gloriosa serie das nossas conquistas de além-mar, principiou a segunda epocha da prosperidade de Guimarães. Porém, como esta teve por unico motor a industria, o seu maior desenvolvimento corresponde ao tempo em que o Brasil e a costa occidental da Africa portugueza, já coloniados, entretinham activo commercio com a mãe patria, alimentando e dando impulso aos tres principaes ramos da industria manufactora de Guimarães — que consistem no fabrico das ferragens, especialmente cutelaria, nos tecidos de linho e no cortume de coiros.

A separação do Brasil, e outras causas internas de decadencia, pozeram o termo a essa segunda epocha de prosperidade. Todavia, foi durante esse periodo, e pelo impulso do seu grande desenvolvimento industrial, que a villa, hoje cidade, de Guimarães, rompendo o cinto de muros que a apertava, se estendeu pelos campos visinhos, onde formou novas ruas e praças, que são presentemente os seus melhores bairros. E' verdade que á abertura d'estas ruas presidiu, em geral, o mau gosto antigo, ou, diremos com mais acerto, o antigo uso, então desculpavel, agora convertido em prática de mau gosto. Porém, em compensação, foram traçadas as praças com mão liberal.

A primeira que se fez foi a *praça do Toural*, que por estar na primitiva contigua á muralha, e junto da porta chamada da *Villa*, acha-se actualmente no centro da povoação. É uma grande e nobre praça, e póde chamar-se-lhe bella para uma cidade de provincia. Em grandeza não será muito inferior á nossa praça de D. Pedro. Adornam-a um elegante chafariz com duas taças, e um cruzeiro não menos esbelto. Pelo lado de léste, por onde outr'ora corria a muralha, guarnecem-n'a dois quarteirões de casas de architectura regular e uniforme. Nos outros lados são irregulares as edificações, mas entre estas vêem-se algumas casas de boa apparencia.

O campo da Feira tambem ficava junto das muralhas, para o lado do sul, dando saída para elle a porta do seu proprio nome. Guarneceu-se de casas pouco a pouco, mas não lhe succedeu como á praça do Toural, antes ficou sendo o extremo da villa, pois que esta estendeu-se, segundo o natural crescimento das povoações, para a parte de oeste ou poente, que é a mais alegre, porque a illuminam os ultimos raios do sol.

É bastantemente espaçoso o *campo da Feira*, e está tão agradavelmente situado, que offerece aos habitantes o mais aprazivel passeio, e a mais bella saída da cidade.

Da *porta do campo da Feira*, e do lanço dos muros que corria entre as *torres dos Caes*, e *de Nossa Senhora da Guia*, limitando o campo do lado do norte, não restam vestigios. Apenas ainda existe parte das muralhas para o lado de léste, seguindo da *torre dos Caes* para a *porta da Freiria*, ou *de Santa Cruz*, porém já fóra do mesmo campo.

No grande mercado que se faz em Guimarães todos os sabbados, e que é sem duvida o mais importante mercado semanal de todo o reino, pois que occupa varias praças, terreiros e ruas, concorrendo ahi, de muitas legoas em rèdor, muitos gados, aves, cereaes, frutas, loiças, vidros, diversidade de tecidos de lã, seda, linho, algodão, ferragens, etc., n'este grande mercado, dizemos, a exposição dos gados tem o seu logar no campo da Feira.

O fundo do campo, para onde o terreno desce com suave declive, apresenta um formoso panorama, e um passeio delicioso. Corta-o em toda a largura um ribeiro, de humilde corrente, mas que leva agua bastante para dar frescura ao logar e viço ás arvores



Egreja de Nossa Senhora da Consolação em Guimarães

frondosas que lhe orlam as margens. Como o ribeiro vae tomando o nome dos sitios por onde passa, chama-se aqui *rio do campo da Feira*.

Atravessa o ribeiro uma soberba ponte, que corresponde ao centro do campo. É larga, comprida, perfeitamente plana, e ao nivel do campo. Junto ás guardas tem assentos de pedra. Á entrada levantam-se sobre altos pedestaes as estatuas dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, e á saída as dos apostolos S. Thiago Maior e S. Bartholomeu, todas de granito. Os lados da ponte são arborisados, e o proprio pavimento d'ella foi plantado com dois renques de arvores pela camara municipal que serviu no biennio de 1860 a 1861, e da qual foi presidente o sr. visconde de Pindella.

A 9^{m},50 do fim da ponte ergue-se a *egreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos*. A primeira fundação d'este templo é antiga, mas não sabemos a data, e só que um morador da villa, chamado Duarte Sodré, mandou construir ahi uma capella consagrada á dita Senhora, para serviço da qual se instituiu uma irmandade com a mesma invocação, e que passa por ser uma das mais antigas confrarias da cidade.

A primitiva capella era pequena, e precedida de uma grande alpendrada com assentos de pedra. No primeiro quartel do seculo XVIII, segundo nos parece, foi demolida a capellinha, e começada em seu logar outra maior. Porém ficaram as obras em meio, não chegando a dar-se principio ao frontispicio. Não ob-

stante, collocou-se a imagem da Senhora no altar-mór, e rendeu-se-lhe o culto costumado.

Passados annos, reconhecendo a irmandade os muitos inconvenientes e faltas de respeito que provinham ao templo de se achar incompleto, e aberto e franco a toda a hora, determinou levantar uma parede para o fechar, o que executou em 1767. Mas ainda bem não tinha acabada esta obra, convencendo-se logo da insufficiencia d'ella, resolveu fazer maior esforço, procedendo a uma reconstrucção completa, ou nova fundação. Foi encarregado do risco André Ribeiro Soares da Silva, natural de Braga, que exercia a arte por curiosidade, e não como profissão. Solicitaram-se esmolas, que foram acudindo promptamente, e começaram-se as obras no anno de 1769, sendo juiz da irmandade Carlos Antonio da Costa Cardoso Pereira.

Assim que se acabou o corpo da egreja, foi benzido e aberto ao culto em 16 de outubro de 1785. A capella-mór, principiada em 1789, só ficou concluida em 1798. Ao presente está em construcção uma das torres.

Conduz ao adro do templo uma larga escadaria, guarnecida de balaustradas de pedra. A frontaria da egreja é nobre e de aspecto agradavel. É construida de granito, que é a pedra do paiz; e decoram-n'a as estatuas dos quatro evangelistas. Interiormente está ornada com singeleza, mas com muito aceio. As despezas do culto correm por conta da irmandade, que ahi faz celebrar as suas festas com bastante solemnidade.

D'esta egreja saía uma procissão de passos na quarta dominga de quaresma. Cremos que ainda dura este uso. O que suppomos acabada é uma prática que constituia uma prerogativa, da qual esta egreja gozou por muitos annos, e desde o tempo em que era apenas uma pequena capella. Consistia esta prática em irem todos os annos, no domingo de Ramos, os conegos da insigne e real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em procissão ao templo de Nossa Senhora da Consolação, para ahi celebrarem a benção dos ramos.

No primeiro domingo de agosto faz-se uma feira de bestas n'este sitio, servindo a ponte para a exposição e corrida das cavalgaduras.

Poucas terras de provincia tem um passeio tão lindo e ameno como este da *ponte do campo da Feira*. Recordâmo-nos com muita saudade de algumas horas que ahi passámos em noites de luar, contemplando o quadro magestoso das arvores annosas que assombram o rio; dos grandes chorões que se debruçam sobre as estatuas dos apostolos; dos bosques que se levantam em throno, vestindo as collinas por detraz da egreja; e do templo, cercado de tantos verdores, e mostrando, como em triumpho, as estatuas dos evangelistas, que lhe fazem coroa. É delicioso, na verdade, ver os effeitos do luar através da folhagem de tão variados arvoredos, ao mesmo tempo que se ouvem o canto melodioso dos rouxinoes, e o doce murmurio das aguas, correndo brandamente no rio por cima dos seixos, e caíndo na taça de um chafariz perto da ponte. E todavia, taes são os nossos habitos caseiros, que nas proprias noites de estio se vê ermo, ou quasi só, um logar tão aprazivel e de tanta fresquidão.

A nossa gravura é cópia de uma photographia, cujo auctor ignorâmos.

I. de Vilhena Barbosa.

O ESTILO É O HOMEM

(CONTO CAMPESTRE DE D. ANTONIO DE TRUEBA)

I

Disseram duas pessoas que o estilo era o homem. Como tenho pouca memoria e menos erudição, não estou certo de que fosse Buffon uma d'essas pessoas; mas lembro-me de que a outra foi um *guarda civil*.

Tres coisas ha no mundo cuja physionomia é unica: a letra, o rosto, e a alma. «Fulano, dizemos, parece-se com Sicrano», e fazemos bem em dizer que *se parece*, pois se dissessemos que *era identico*, ou, antes, que *era similhante*, faltariamos á verdade.

Qualquer d'estas tres coisas, no caso de serem unicas, serve para identificar a pessoa; e a policia não o ignora, porque sabe pôr a penna na mão do que suspeita auctor do documento falso; porque sabe prover-se do retrato photographico do criminoso a quem julga capaz de evadir-se. Mas como se identifica a pessoa por meio da alma? Como se obtem o retrato photographico da alma, que possa servir de ponto de comparação?

Se o estilo é o homem, deve necessariamente colligir-se que já pareceu aquillo. Verdade é que os estilos falsificam-se como se falsifica tudo, começando pelo amor, que, sendo emanação divina, e quinta essencia da alma, deveria ser muito mais sagrado que as notas do banco, que ainda não ha muito diziam em Hespanha: «Pena de morte ao falsificador»; porém o observador um tanto perspicaz distingue para logo o estilo falso do verdadeiro; porque o estilo é a alma, e a alma é uma das tres coisas cuja physionomia é unica.

Repetimos, pois, que no mundo não ha dois rostos nem duas almas *eguaes*, embora haja muitas *parecidas*. Agora passemos ao nosso conto.

Não sei porque denomino conto o que vou referir, pois é tão verdadeiro, que os orgãos de Móstoles, isto é, os correspondentes dos periodicos madrilenses n'aquella villa, deram conta do facto em tempo, com as mais insignificantes particularidades.

Certa manhã veiu o carteiro á minha porta e entregou-me uma carta de Navalcarnero, que está a cinco legoas de Madrid. Apenas li a carta, procurei um numero de um periodico litterario, montei na primeira azemola de aluguer que encontrei, e tomei apressadamente a estrada de Navalcarnero.

Tendo percorrido tres legoas de viagem, isto é, ao passar por Móstoles, um cabo da guarda civil, commandante do posto d'aquella villa, que estava lendo á porta do seu quartel, interrompeu a leitura guardando o livro na algibeira, e atalhou-me o passo perguntando-me com urbanidade:

— Tem v. s. a bondade de mostrar-me o bilhete de residencia ou o passaporte?

— Ó homem, respondi, tão precipitadamente saí de Madrid, que não me lembrou de metter na carteira o bilhete de residencia.

— Então v. s. saíu *precipitadamente* da capital? — perguntou-me o guarda observando-me com desconfiança.

— Sim, senhor.

— Bem se vê, porque tem a physionomia como inquieta e desconcertada.

As feições deviam, com effeito, revelar grande perturbação como as do que perpetrou um crime e vae fugindo ás justiças, ou as d'aquelle que recebeu a triste nova de que sua mãe está na hora do passamento, e vae recolher-lhe o ultimo suspiro. A carta que me obrigára a pôr a caminho não era para menos.

— Ha de desculpar-me, accrescentou o guarda, porém vejo-me na precisão de captural-o.

— Prender-me! — exclamei espantado.

— Sim, senhor, respondeu o guarda, a quem o meu espanto infundira novas suspeitas; essa é a minha obrigação.

Apeei-me, portanto.

— Veja que me interessa muitissimo continuar sem demora o meu caminho.

— Sinto-o bastante. Saiba que tambem me interessa cumprir com o meu dever. Tem aqui na povoação individuo que o conheça?

— Creio que não. Mas eu sou homem conhecido na Hespanha, e talvez o senhor conheça o meu nome.

— Como se chama, pois?

— Antonio de Trueba.

— O escriptor?

— Sim, senhor.

— Conheço os escriptos d'esse senhor, e gósto d'elles.

— Não será, de certo, por seu merito litterario, porque nenhum podem ter.

— Pois eu gósto bastante d'elles, porque alli se chama ao pão pão e ao queijo queijo, e porque são moraes, o que não é nenhuma bagatella para um membro da guarda civil encarregado de vigiar pela moral publica; mas deixemo-nos de conversa, e entre o senhor no quartel até que possa regressar a Madrid com a patrulha dos guardas.

O meu pavor subiu de ponto ao ouvir isto.

— Duvida, porém, de que eu seja Antonio de Trueba?

— Não duvido. Estou certo de que não é o sr., e de que usurpa o nome d'elle.

— Em que se funda?

— Em que geralmente os escriptores louvam as proprias obras, e o senhor não só não elogia as que suppõe serem suas, mas até falla mal d'ellas.

— Porém, considere, homem, a modestia...

— Qual modestia, nem qual carapetão! Já não é uso a modestia.

Pensei que metter-me em discussões ácerca da modestia litteraria com o guarda civil era perder tempo, e tratei de sair da difficuldade por outro caminho.

— Que é que preciso fazer para que me deixe continuar a minha viagem?

— Identificar a sua pessoa.

— Se provar que sou o escriptor cujas obras conhece, dar-se-ha por satisfeito?

— Tanto que terei muita honra em que me permitta apertar-lhe a mão.

— E porque?

— Porque esse escriptor é homem de bem.

— E quem lh'o disse?

— O seu estilo. O estilo é o homem.

Esta resposta fez-me desistir do proposito de me abster de qualquer questão litteraria com o guarda.

O guarda tirou da algibeira os *Contos Campestres*, de que sou auctor, e accrescentou:

— O estilo d'este livro não póde enganar-me.

— Mas tambem se me figura singular que esse livro seja escripto por mim e ainda tenha que duvidar...

— Se o livro estivesse escripto pelo punho e letra do auctor, provaria o senhor a identidade da sua pessoa escrevendo uma só palavra; mas como está com os typos da imprensa, não ha que pensar em tal prova.

— Oiça: lembra-me uma coisa.

— Qual é?

— Se não póde confrontar a minha letra, talvez possa comparar o meu estilo.

— Tem razão. Entre n'esse quarto e escreva um conto.

— Estou agora pouco disposto para contos...

— Se não está, replicou o guarda voltando á sua desconfiança ao ver a minha resistencia, regresse a Madrid escoltado por uma das patrulhas de serviço, e que d'aqui a instantes recolherão ao quartel.

Esta ameaça fez-me de novo tremer. Considerei que muitas vezes escrevêra contos com a alma por ventura mais angustiada e inquieta do que então a tinha, e decidi-me a provar quem era o homem; mas n'aquelle momento occorreu-me uma idéa, que não sei porque motivo não me occorrêra antes, e quiz ver se com ella saía do embaraço.

— Diz que o estilo é o homem? — perguntei ao guarda.

— Digo-o e sustento-o.

— Pois então veja se o homem que tem ante si, e o estilo do livro que tem na mão, são uma e a mesma coisa.

O guarda reflectiu um segundo, como pessoa que vê mentalmente, porém que vê ennublado, e respondeu-me:

— É um sophisma, porém não me illudirá. O estilo é o homem, mas não o homem physico; o estilo é o homem moral...

— Deixe-se de metaphysicas, senhor commandante, lhe repliquei, que eu não gósto d'ellas.

E, mettendo-me no quarto do cabo commandante do posto, escrevi o seguinte conto, que meia hora depois lia no quartel.

(Continua) B. A.

VICTOR HUGO

(Vid. pag. 87)

XV

Tres semanas depois das *Orientaes*, em 1829, appareceu o *Ultimo dia de um condemnado*, esse clamor eloquente e terrivel contra a pena de morte, «o livro melancolico e profundo, que serviu de pesadelo ás mulheres e fez pensar os legistas».

Claudio Guex, que veiu a publicar-se em 1834, foi o segundo brado, e por consequencia o segundo dos esforços supremos tentados por Victor Hugo em ambos os mundos, para a abolição da pena de morte. D'isto fallaremos mais adiante.

Estalou a revolução de 1830.

A França ia entrar em epocha mais liberal. Carlos X, não comprehendendo a necessidade de reconciliar o seu reinado com as idéas democraticas, e guiando-se de certo por mais adulativas que uteis suggestões, construiu o edificio do proprio desterro e se encaminhou para a total ruina.

Pobre soberano! A camara, cujas regalias pretendia cercear, votou o seu exilio; a imprensa, cujo poder queria destruir, fulminou-o!

Victor Hugo tinha de seguir o movimento revolucionario. Arrastavam-n'o para esta corrente a mocidade e o talento. Não podia evital-a.

«As grandes commoções produzidas pelos successos echoavam profundamente nas intelligencias, — dizem as *Memorias*. [1] — Victor Hugo, que fizera uma revolução no theatro e n'elle erguêra barricadas, comprehendeu que os progressos tem relação entre si, e que, para não ser inconsequente, devia acceitar na politica o que queria na litteratura».

Passado o dia 6 de agosto 1830 [2], não havia duvida na representação da *Marion de Lorme*. Os ministros del-rei Luiz Filippe não teriam as susceptibilidades dos ministros de Carlos X. O director do theatro da Porte-Saint-Martin, então o sr. Crosnier, disputou este drama á Comedia-Franceza, e arrebatou-o de casa do auctor como thesouro preciosissimo.

Marion de Lorme foi representada com bom exito, embora encontrasse na platéa antigos adversarios. O papel de Marion desempenhou-o com inexcedivel perfeição uma grande actriz, a sra. Dorval.

«Marion, escreve Beauvallet, entregue aos desvarios do lupanar antes de se tornar sublime pelo amor, impressionou singularmente a geração de 1830. Confessâmos que não podémos ler nunca sem profunda commoção esta obra magnifica. *Marion de Lorme* tem sido copiada, imitada, e tambem mais de vinte vezes roubada pelos nossos dramaturgos modernos. As *damas das camelias* estão, porém, já velhas e esquecidas, e

[1] *Victor Hugo raconté*, tom. II. pag. 340.

[2] A 6 de agosto a camara dos deputados proclamou a desenthronisação de Carlos X e da casa dos Bourbons, e elevou ao throno a casa de Orleans, representada por Luiz Filippe, a esperança da opposição constitucional.

Marion, sua primogenita, está sempre nova, nova como a poesia e como o amor, isto é, eterna».

XVI

Victor Hugo não tinha já occasião para descançar. Os directores de theatro e os editores assaltavam-n'o a todas as horas, e exigiam-lhe, quando menos, um titulo para o catalogo ou para o cartaz.

D'este modo figuravam nos catalogos de varias livrarias, titulos de obras do poeta que elle não chegou a escrever — ou, antes, de producções que não fez nunca tenção de compor!

— Um volume de poesias, sr. Victor Hugo.

— Não posso dar-lh'o.

— Escreva-me um drama, um romance...

— Não tenho tempo.

— Dê-me, pelo amor de Deus, um titulo, para que o seu nome figure nos meus catalogos.

Victor Hugo não se recusava para se livrar assim de tão crueis impertinencias.

Por outro lado, em quanto o director da Porte-Saint-Martin, animado pelo successo de *Marion*, pedia novo drama, o editor do *Ultimo dia de um condemnado*, reclamava enfadado a *Nossa Senhora de Paris*, que lhe tinham promettido havia muito.

Com o apparecimento da *Nossa Senhora de Paris* succedeu o mesmo que com a representação do *Hernani*. Béranger, por exemplo, escrevia ao auctor para que lhe mandasse a obra grandiosa em que toda a gente lhe fallava; e Eugenio Sue dizia-lhe com sincero transporte: — «Fui dos primeiros em ter a *Nossa Senhora*...» — e accrescentava: — «...á parte a poesia, a opulencia de pensamento e de drama, ha no seu romance uma coisa que profundamente me impressionou. É que, para assim dizer, resumindo Quasimodo a belleza da alma e da dedicação, — Frollo a erudição, a sciencia, e o poder intellectual, — e Châteaupers a belleza physica, — teve a admiravel idéa de collocar os tres typos em confrontação com uma rapariga ingenua, selvagem quasi no meio da civilisação, para lhe dar a escolha, e fazer esta escolha tão extremamente feminina».

Na composição da *Nossa Senhora de Paris* consumiu o poeta seis mezes. Em quanto a França admirava a esplendida reconstrucção de Paris na edade média, e sympathisava com Esmeralda e Claudio Frollo, Victor Hugo escrevia para o Theatro Francez o *Roi s'amuse*, drama grandioso que o governo prohibiu depois da primeira récita, sob pretexto de que a peça era immoral, e de que n'ella se continha a apologia do regicidio. Apesar d'isso o editor do *Roi s'amuse* vendeu em pouco tempo 40:000 exemplares.

Victor Hugo, para se convencer da justiça da prohibição official, perguntou ao tribunal do commercio se o governo podia censurar e prohibir, e o tribunal respondeu que sim. [1] O sr. Odilon Barrot encarregou-se da defesa do poeta, o qual tambem, por conselho do advogado, foi propriamente defender-se. O discurso enlevou por tal modo Montalembert, que este disse que Victor Hugo era *orador tão distincto como esclarecido escriptor*.

Nos fins de 1832 os periodicos ministeriaes notaram, para lisongear o governo em seu acto arbitrario contra o *Roi s'amuse*, que o poeta ainda estava recebendo a pensão do ministerio do reino. É preciso observar que a pensão limitára-se aos dois mil francos, porque, depois da revolução de julho, acabára o augmento de mil francos determinado pelo rei Carlos X.

Victor Hugo dirigiu para logo uma carta ao ministro do interior d'Argout, na qual referindo-lhe a origem da pensão, os motivos que tivera para se negar ao novo augmento de seis mil francos quando prohibiram a *Marion de Lorme*, accrescentava que, entendendo o governo que as pensões litterarias [1] eram d'elle e não da patria, o que subjugava a independencia do escriptor, renunciava inteiramente a referida pensão. A carta concluia d'este modo:

«Il va sans dire que cet incident, si peu important en soi, est á mes yeux une raison pour que ma réclamation contre l'acte arbitraire qui a supprimé le *Roi s'amuse* conserve plus que jamais son caractère de dignité, de réserve, e de modération». [2]

O ministro d'Argout respondeu — «que la pension était une dette du pays, et qu'elle serait conservée á M. Victor Hugo malgré sa lettre». [3]

Mas o poeta não recebeu mais sequer um real do ministerio.

(Continua) P. W. DE BRITO ARANHA

¹ *Victor Hugo raconté*, t. II, pag. 384.

METAPHORAS OU FEIRA DE ANEXINS

(Vid. pag. 80)

II

EM METAPHORA DE CABEÇA

— Pois vossês cuidam que tudo o que é seguir metaphoras é saber dizer equivocos? É o dizer anexins sem pés nem cabeça? Nem ás metaphoras da moda lhes póde cair na cabeça que coisa seja metaphora ou allegoria: eu dou com a cabeça pelas paredes de ver trazer pela cabeça anexins sem proposito.

— Homem, o entendimento não é fazenda que ande em cabeça de morgado: quem não tem cabeça sempre é mais cabeçudo.

— Não repara em cabeçadas.

— Dizem despropositos, e quebram-nos as cabeças com se metterem na cabeceira do rol dos discretos.

— Os que estão na posse e cabeça de casal de falladores, são cabeças de motim das metaphoras; e da cabeça até aos pés são uns meros anexiristas, que tudo o que dizem o trazem de cabeça sem tirar nada de sua cabeça.

— Lá lhes «cabe essa» nos cascos; tanto que se lhes encasqueta dizer equivocos, já cuidam comer as papas na cabeça a todo o discreto.

— Quem lhes cascára na cabeça!

— São duros dos cascos; e ainda que souberam que lhes cascáveis, elles trazem cascavéis nas orelhas, que lhes soam, e aos equivocos subtis dão á cabeça. Em a cabeça de noticias, qual a de alguns cabeças de vento, só se acha dizer anexins, porque todo o seu cabedal trazem em cabos de alhos sem cabeça.

— Elles imaginam que seguir metaphoras é descabeçar adagios, e tudo enleiam por equivocos, misturando alhos e bugalhos.

— Chegado ao atar dos negalhos, nem todas as linhas que põem de casa são de cabeça.

— Bem! Se elles não sabem nas allegorias se é bico ou cabeça, como ha de haver quem os tenha pelos pés ou cabeça? Nas praticas vendem anexins por lebre, como gato; e rabo e cabeça a quatro vintens, que dos verdadeiros chistes a cabeça é do caçador.

— Deixal-os, que essa mesma presumpção lhes virá a dar na cabeça, que a nenhum subiram similhantes fumos á cabeça, que não viesse a ser tido por vão da cabeça.

— Bem está; não nos dôa a nós entretanto a cabeça. Eu sei que elles campam e campêam por discretos, e não ha quem tire ao vulgo da cabeça que o são, e senhor é Deus.

— Cubra a cabeça.

— Tantas cabeças, tantas sentenças.

— Mas os discretos escarmentados na cabeça alheia, não se querem sevandijar de equivoquistas.

¹ Lamartine fruia egual pensão, que fôra tambem concedida em 1823 por Luiz XVIII como recompensa devida pela nação ao merito.
² *Victor Hugo raconté*, t. II, pag. 385
³ *Idem*, pag. 387.